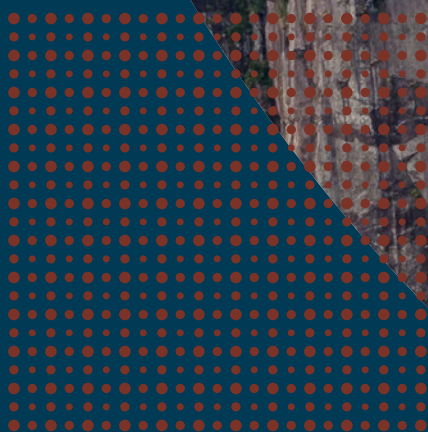


Parques e a Pandemia

Comportamentos e Expectativas



SEMEIA

SU- MÁ- RIO

1. Sumário executivo	03
2. Introdução	05
3. Metodologia	07
4. Pandemia: vivência de uma experiência única	08
5. A experiência em parques durante a pandemia	11
6. Expectativas para o pós-pandemia	20
7. Considerações finais	30



Sumário Executivo

O contexto da pandemia vem produzindo reflexões e transformações que repercutirão por muito tempo. Neste estudo tivemos a oportunidade de capturar diversos aspectos desse processo. A exposição das pessoas a situações completamente novas e excepcionais levou-as a um estado de espírito marcado pela insegurança, mas, ao mesmo tempo, as tem feito pensar sobre mudanças com potencial de promover alterações no estilo de vida. Compartilhamos, a seguir, um pouco do que pudemos apreender:

- A pandemia gerou um turbilhão de medos e incertezas. A intensidade dessa vivência fica mais tangível quando observamos que as palavras mais utilizadas pela população para expressar seus sentimentos nesse momento foram tristeza, ansiedade, preocupação e esperança. Dessa forma, a elaboração sobre o que está ocorrendo e as possibilidades de se projetar um futuro ocorrem em meio a esse conturbado cenário.
- As visitas a parques naturais diminuíram durante a pandemia, mas a frequência a parques urbanos se manteve. Essa constatação evidencia a necessidade de

um alinhamento contínuo entre a oferta desses equipamentos e as necessidades de seus públicos. Os parques são organismos dinâmicos que precisam responder constantemente à conjuntura enquanto as demandas e motivações dos usuários também são impactadas por cenários cada vez mais mutáveis.

- A experiência de visita a parques foi avaliada como bastante satisfatória por aqueles que conseguiram visitá-los durante a pandemia. A manutenção, tanto no caso dos parques naturais como dos urbanos, foi avaliada como adequada, assim como os itens que tiveram que ser incorporados à gestão desses espaços em função da pandemia, como disponibilização de informações e fiscalização das condições sanitárias necessárias para se lidar com a pandemia.
- Grande parte da população manifesta a intenção de intensificar hábitos ligados à saúde e qualidade de vida. Fazer as pessoas refletirem sobre o próprio estilo de vida e formas de melhorá-lo foi um aspecto positivo dentro de toda a tragédia trazida pela pandemia. Essa mudança de atitude

pode representar uma oportunidade para os parques, na medida em que parcelas da população passarão a reconhecer sua importância na implementação ou ampliação das práticas desses novos estilos, valorizando a contribuição desses equipamentos.

- No pós-pandemia, há uma intenção de visitar mais os parques, tanto naturais quanto urbanos. Esse desejo é maior entre aqueles que já têm essa prática, mas manifesta-se, também, no grupo que gostaria de realizar sua primeira visita desse tipo. Caso essa intenção se concretize, teremos um aumento quantitativo (número de visitantes) e também um incremento qualitativo representado pelo desejo e motivação em se relacionar de forma diferenciada com a natureza e com o que essas áreas podem oferecer.

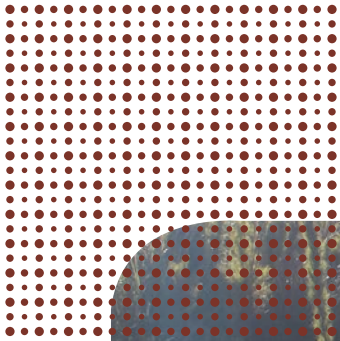


Foto: Mateus Figueiredo CC BY-SA 4.0



Introdução

A pandemia do coronavírus é um evento de dimensões tão abrangentes que, no momento em que este estudo é divulgado, março de 2022, ainda não é possível avaliar todas as suas consequências, nos mais diversos aspectos, para a espécie humana. A ansiedade que tem marcado esse período está presente nas expressões usadas para tentar caracterizá-lo e para imaginar seus desdobramentos: momento único, novo normal, volta ao normal, período pós-pandêmico, entre outras.

As características da doença, sua letalidade, a necessidade de distanciamento social para se evitar o contágio, a obrigatoriedade do uso de máscaras, a discussão sobre o uso de vacinas (permeada por muita desinformação), as consequências econômicas e sociais da pandemia são aspectos que mexem com crenças, percepções e atitudes das pessoas. O ser humano precisa de certa regularidade e previsibilidade. A ausência desses aspectos quebra a dimensão de ordenação simbólica das pessoas e, como estamos em um evento em andamento, não há perspectiva de como cada um poderá trabalhar sua própria reordenação e seu “novo normal” pessoal.

Com uma agenda local e global já bastante carregada de preocupações, as medidas de isolamento social para contenção da pandemia, com a consequente paralisação de grande parte das atividades econômicas, geraram um ambiente de aumento das incertezas. Muitas pessoas se depararam com situações quase que totalmente fora da rotina, tendo que passar a preparar a própria alimentação, cuidar de afazeres domésticos, repensar a forma de se transportar e de se relacionar. Outras tiveram as relações interpessoais intensificadas com filhos e cônjuges, enquanto muitos experimentaram a interrupção de relações com amigos e colegas de trabalho, além de terem as opções de lazer bastante reduzidas, principalmente fora de casa.

Essa circunstância obrigou as pessoas a entrarem em contato com dimensões de si mesmas com as quais não lidavam cotidianamente. Dessa forma, temas como vida saudável, saúde, tempo dedicado ao trabalho, lazer e relacionamentos ganharam espaço e relevância. Isso tudo se somou às preocupações cotidianas de sempre, relacionadas a temas como emprego, política, economia, violência, inflação, drogas etc.

Diversas áreas ligadas à saúde, às relações de consumo e à psicologia têm realizado estudos para entender, dentro de seus campos de conhecimento, qual poderá ser o resultante final da pandemia e quais sequelas deixará. No nosso caso, o objeto é o impacto da pandemia na relação dos brasileiros com parques. Como preocupações como a ligação com a natureza e, principalmente, a relação com os parques operou nesse contexto? Há uma propensão a mudanças de comportamento nessa direção?

O presente estudo busca responder a essas questões e contextualizar o ambiente no qual a população reflete sobre elas. Os resultados contribuem para pensarmos sobre os impactos de um evento tão abrangente e dramático como a pandemia e podem ajudar a nos prepararmos para o momento seguinte, quando a fase mais crítica tiver passado, fornecendo aos agentes envolvidos nessa temática informações para planejar e ajudar a população em seu “novo normal”.

Foram ouvidas 1.541 pessoas das 10 principais regiões metropolitanas brasileiras por meio de um survey realizado de forma online em julho de 2021. Nessas “conversas” as pessoas podiam se expressar sobre seus sentimentos, rotinas e desejos de mudança advindos da pandemia. Elas também nos informaram sobre suas experiências de visitação em parques e sobre as expectativas para o pós-pandemia.

O relatório está estruturado em quatro capítulos temáticos: *Pandemia: vivência de uma experiência única*, onde abordamos o contexto; no capítulo *A experiência em parques durante a pandemia* levantamos, de forma comparativa, as frequências a parques durante o período; já as formas como as pessoas pretendem agir após toda a turbulência desse momento foi o tema discutido em *Expectativas para o pós-pandemia* e terminamos com uma avaliação geral em *Considerações finais*.



Foto: Filipe Frazão (istockphoto)



Metodologia

A pesquisa **Parques e a pandemia - Comportamentos e Expectativas** utilizou uma metodologia quantitativa, com a aplicação de questionário estruturado com perguntas fechadas e abertas, por meio de coleta online. O universo representado foi a população adulta (entre 16 e 70 anos) das 10 principais regiões metropolitanas do país.

A coleta dos dados aconteceu entre os dias 8 e 29 de julho de 2021. Foram realizadas 1.541 entrevistas com margem de erro total de 2,5 pontos percentuais.

Os resultados foram ponderados para que cada segmento, em cada uma das 10 regiões, correspondesse à proporção efetivamente encontrada na população. Dados oficiais fornecidos pelo IBGE (PNAD e Censo) foram utilizados tanto para o desenho da amostra quanto para estabelecer os fatores de ponderação. Após a coleta, as perguntas abertas foram codificadas e os dados processados e analisados. A seguir, temos a distribuição pelas 10 regiões metropolitanas e pelas regiões brasileiras.

Região metropolitana	Estado	Entrevistas por RM	Região	Entrevistas por regiões
São Paulo	São Paulo	315	Sudeste	519
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	204		
Porto Alegre	Rio Grande do Sul	141	Sul	261
Curitiba	Paraná	120		
Fortaleza	Ceará	120	Nordeste	241
Salvador	Bahia	121		
Brasília	Distrito Federal	142	Centro-Oeste	273
Goânia	Goiás	131		
Manaus	Amazonas	121	Norte	247
Belém	Pará	126		
Total				1.541

A estrutura central do questionário contemplou três seções: 1) sentimentos e vivências durante a pandemia; 2) visitação a parques e 3) propensão para mudanças após a pandemia.



Pandemia: vivência de uma experiência única

Para os brasileiros das regiões estudadas as palavras que melhor definem seus sentimentos são: **esperança, tristeza, ansiedade e preocupação.**

Como também podemos observar na nuvem de palavras, prevalecem sentimentos que denotam muita tensão e insegurança: **cansaço, angústia, medo, frustração, exaustão, saúde.**

Para captarmos esses sentimentos, foi aplicada uma pergunta aberta para que, em uma associação livre, cada pessoa descrevesse o seu atual momento: **Considerando os sentimentos que está vivenciando hoje, qual a primeira palavra que vem à sua mente?** Se imaginarmos o próprio Brasil como uma pessoa, observaríamos uma série de sentimentos que podem parecer tanto contraditórios como complementares. Para a população, no meio de tantas incertezas e inseguranças, um pouco de esperança, fé e superação podem ajudar a manter expectativas de melhora.

Com essa avaliação, procuramos entender o ambiente em que as pessoas estão

refletindo sobre o momento que estamos passando e o quanto esse estado mental coletivo pode interferir na sua capacidade de reflexão e de projeção de mudanças. No caso específico de nosso objetivo, a preocupação era mapear como um estado geral de espírito confuso e pessimista poderia impactar a propensão da população a mudar alguns hábitos genéricos e, mais especificamente, a visitação aos parques.

A hipótese de um ambiente geral incerto e confuso se confirmou, mas pudemos observar que as pessoas manifestam uma intenção de transformação ao declararem uma intenção de mudança de hábitos no pós-pandemia.

Para a maioria da população (74%) o isolamento social foi relativo. Nesse grupo, as pessoas continuaram saindo para trabalhar (49%), fazer compras no mercado (49%) e ir à farmácia (32%), situações que podemos considerar essenciais. Em menor número saíram, também, para visitar parentes e amigos (12%) e para ir a bares e restaurantes (6%). Como muitos realizaram mais de uma atividade, a soma dos percentuais excede os 100%.

Preocupação
Tristeza
Ansiedade
Cansaço
Medo
Angústia
Superação
Vida
Desânimo
Corrupção
Exaustão
Mudança
Superação
Vence

Força
Amor
Gratidão
Calma
Alegria
Paz
Ansiedade
Cansaço
Medo
Angústia
Superação
Vida
Desânimo
Corrupção
Exaustão
Mudança
Superação
Vence

Esperança
Aprendizado
Harmonia
Sociabilidade
Desmotivação
Entediado
Desperador
Conformado
Destituição
Impunidade
Família
Luta
Pobreza
Animação
Artifício
Coragem
Máscara
Procurando
Perdida
Estagnação
Cachorro
Alívio
Educação
Foco
Pensativo
Serenidade
Carinho
Ódio
Abandono
Terror
Assustada
Cura
Segurança
Hipocrisia

Raiva
Igualdade
Desprezo
Bem
Fim
Tristeza
Saúde
Ansiedade
Cansaço
Medo
Angústia
Superação
Vida
Desânimo
Corrupção
Exaustão
Mudança
Superação
Vence

Facilidade
Frustração
Deus
Medo
Ansiedade
Cansaço
Medo
Angústia
Superação
Vida
Desânimo
Corrupção
Exaustão
Mudança
Superação
Vence

Descartado
Viver
Descartado
Proatividade
Tensão
Determinação
Afeto
Apatia
Estagnação
Cachorro
Alívio
Educação
Foco
Pensativo
Serenidade
Carinho
Ódio
Abandono
Terror
Assustada
Cura
Segurança
Hipocrisia

Aqueles que declararam que procuraram ficar totalmente isolados formam um grupo de 15%. Na outra extremidade, os que não mudaram em nada seus hábitos, vivendo sem mudanças o período de distanciamento social, representam um contingente de 11%.

O histórico de notícias e debates durante o período de pandemia nos mostra que esses tipos de comportamento resultaram de uma mescla entre convicções, necessidades e pressões de diversas origens. Muitos acreditavam que o isolamento social era uma forma eficaz contra a disseminação da pandemia, mas tiveram que continuar com suas atividades profissionais. Outros, que também acreditaram no isolamento, o mantiveram de uma forma mais rígida – provavelmente por terem condições

de fazê-lo. E temos, ainda, o grupo que declara ter continuado com suas rotinas, sem mudanças. As principais hipóteses para justificar esse comportamento são o negacionismo e/ou a falta de informação sobre os riscos envolvidos nessa atitude.

O destaque, contudo, é para uma parte grande que, de alguma forma, teve que seguir a vida, sendo expostos à possibilidade de contágio, mas, possivelmente, com esperança de que não fossem atingidos, lidando com esse estado de espírito angustiante e desejando um desfecho o mais rápido possível. O resultante disso é um momento difícil de se absorver e extremamente desafiador para se pensar em planejar algo para o futuro.

Como está sua rotina atual?



Base: total da amostra (1.541)

Fonte: Q38. Como está sua rotina atual? Escolha as alternativas que melhor descrevam sua situação. (RM | EST)



A experiência em parques durante a pandemia

5.1. Impacto da pandemia na frequência

Para que os respondentes pudessem se posicionar claramente sobre seus comportamentos durante a pandemia, apresentamos os conceitos com os quais o Instituto Semeia trabalha na tipificação dos parques: naturais e urbanos. Esses conceitos descrevem as características físicas e também os usos mais comuns de cada tipo de parque. As principais diferenciações entre os dois conceitos referem-se à localização (próximos ou não de centros urbanos) e a algumas das principais características de uso: contemplação e contato com a natureza, no caso de parques naturais; e práticas de lazer e entretenimento, no caso dos urbanos.

As características de cada tipo de parque interferem em seu uso e fruição. Em geral, a visita a parques naturais exige planejamento, pois pode demandar viagem e representar um custo significativo para uma família ou mesmo para apenas uma pessoa. Em condições de pandemia, num momento com muita incerteza e insegurança sobre seus desdobramentos, a opção por um tipo de passeio como esse seria mais impactado do que frequentar os parques urbanos. Estes, por sua vez, representam a possibilidade de lazer ou uma válvula de escape ao ar livre, mesmo considerando que, ao longo do período, foram fechados e abertos de forma intermitente.

NATURAIS

São grandes áreas demarcadas pelo governo para conservação do meio ambiente. Estão usualmente mais afastadas dos centros urbanos e são frequentadas por turistas em busca de aventura, contato com a natureza preservada e contemplação de belezas naturais.

URBANOS

São áreas públicas com muito verde dentro das cidades. São usualmente frequentadas pela população para a prática de esportes, atividades de lazer, entretenimento e como opção de contato com a natureza nos centros urbanos.

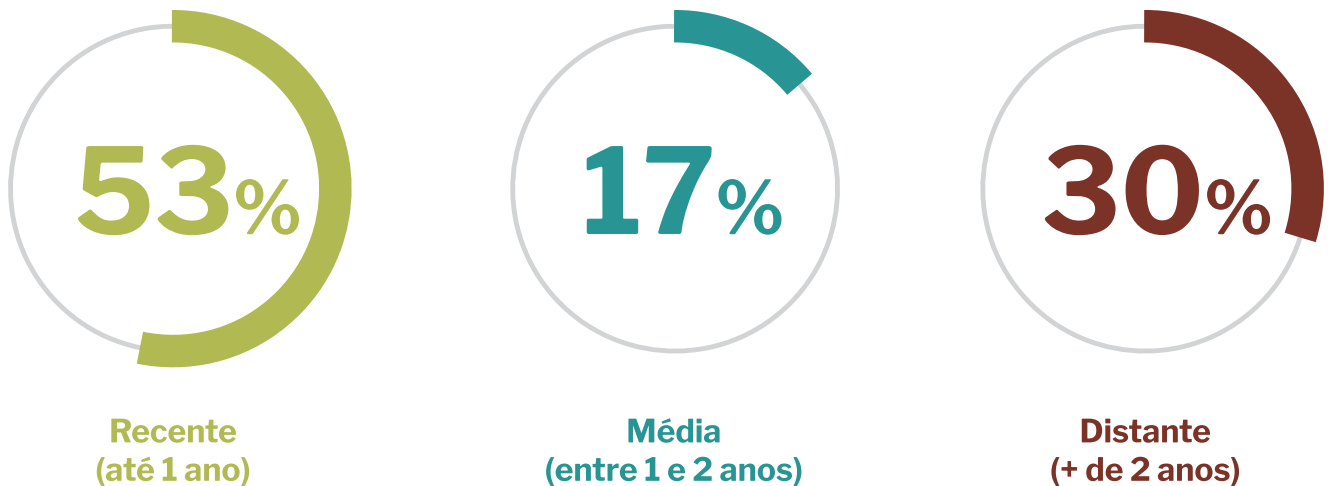
Parques Naturais

No caso dos parques naturais o impacto na visitação foi enorme. Entre 2019 e 2021, a declaração de uma última visita recente diminuiu drasticamente. Nesse

período, o percentual de pessoas que havia feito sua última visita a um parque natural nos últimos 12 meses passou de 53% para 27%.

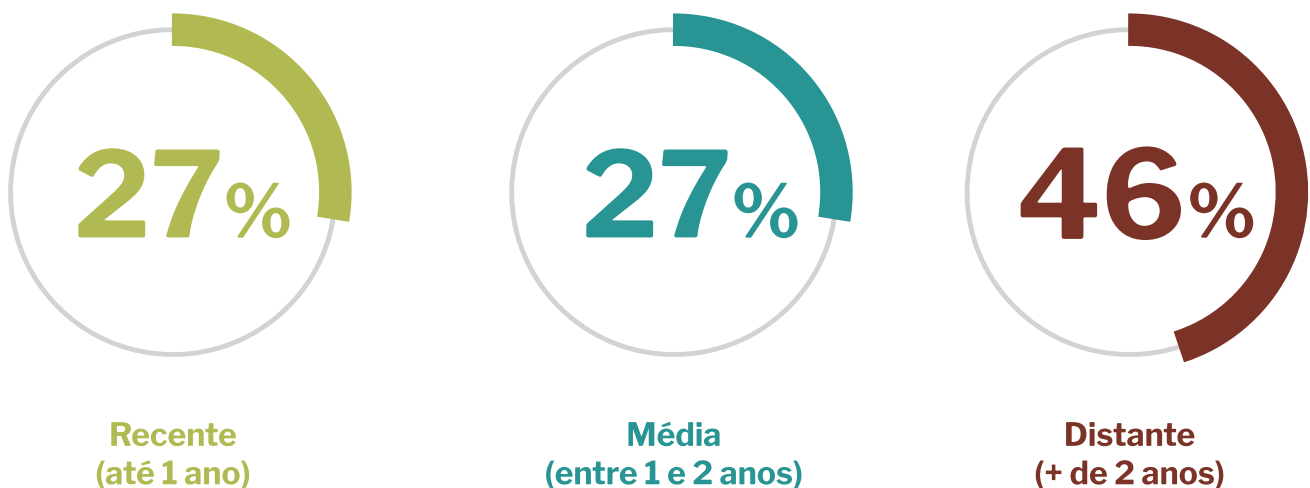
Impacto da pandemia na frequência a Parques Naturais

2019 | Última visita



Base: 2019: 770 - 2021-10: 1.018 - já visitaram parques naturais.
Fonte: Q17. Quando foi sua última visita a um PARQUE NATURAL? (RU | EST)

2021 | Última visita



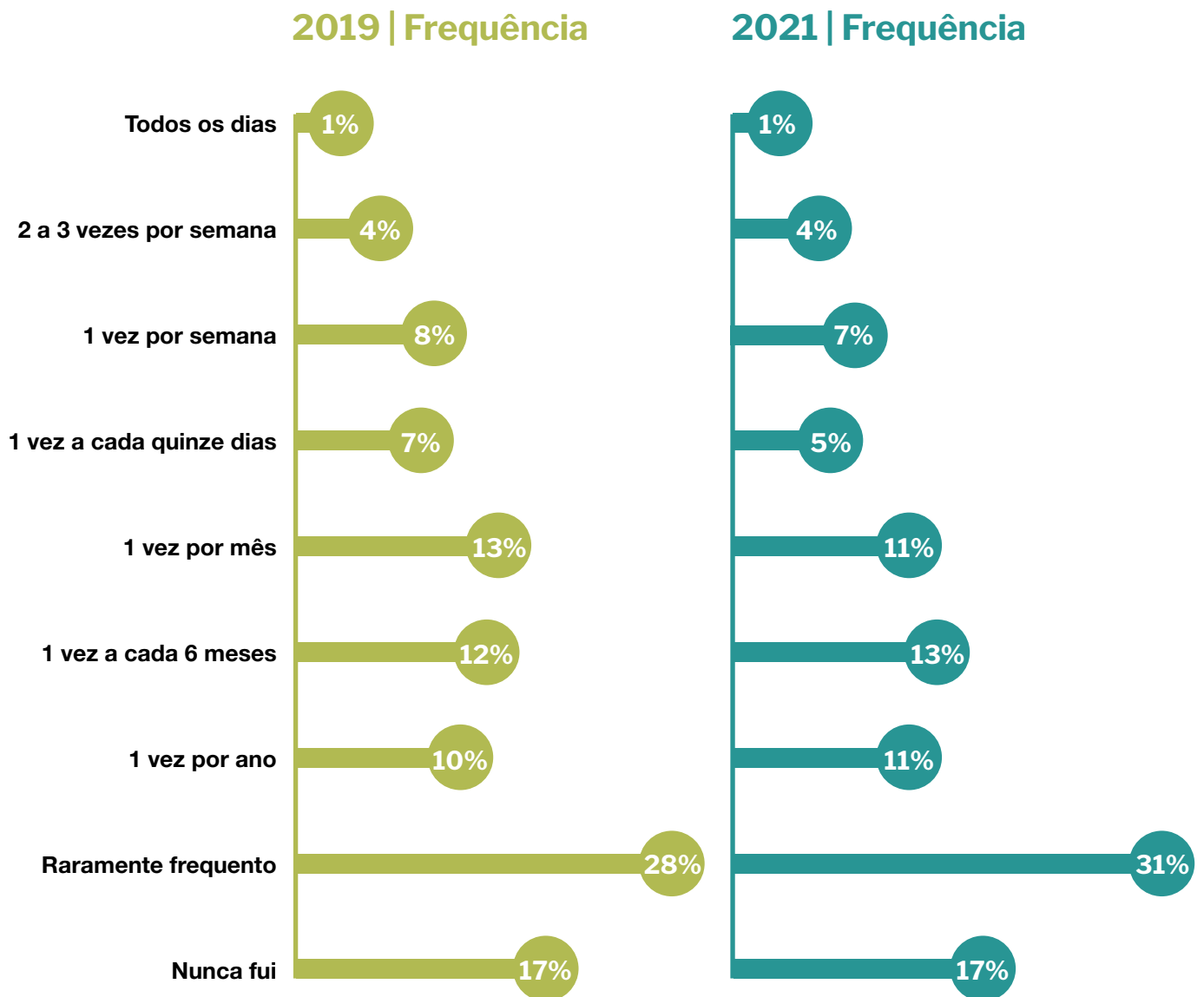
Base: 2019: 770 - 2021-10: 1.018 - já visitaram parques naturais.
Fonte: Q17. Quando foi sua última visita a um PARQUE NATURAL? (RU | EST)

Parques Urbanos

Quando comparamos as frequências de visitação a parques urbanos, antes e durante a pandemia¹, observamos que praticamente não há mudanças. Podemos

pontuar apenas um pequeno aumento naqueles que passaram a frequentá-los mais raramente (27% para 32%, respectivamente em 2019 e 2021).

Impacto da pandemia na frequência a Parques Urbanos



Base: 2019: 1.198 - 2021-10: 1.541 - total da amostra.

Fonte: Q23. Nos últimos 12 meses, com que frequência você costumou frequentar Parques Urbanos? (RU por item | EST)

¹O levantamento dos dados foi realizado em julho de 2021 e a pergunta se refere aos últimos 12 meses, ou seja, o quadro representa um período totalmente contido na pandemia.

Mesmo em períodos “normais”, o Instituto Semeia tem mostrado, por meio de suas pesquisas, como é complexa a relação entre as motivações e as barreiras para determinar a frequência aos parques. Aspectos como “mostrar a natureza para os filhos” e o fato de representarem uma boa opção de lazer são motivações para visitas que se contrapõem a barreiras como custos, segurança e falta de informação. Podemos imaginar o quanto isso se complicou com a questão da pandemia, já que os riscos e os benefícios dessa opção em período tão crítico somaram-se aos fatores já anteriormente conhecidos.

É importante destacar que os riscos trazidos pelas aglomerações foram divulgados e endereçados de forma muito diversa por estados e cidades. A ênfase maior foi sempre sobre lugares fechados, o que não é o caso dos parques. Alguns foram fechados por um período em certas localidades, outros não. Há áreas verdes que sequer podem ser fechadas e são consideradas como parques pela população. Em suma, a gestão de risco em relação aos parques durante a pandemia não teve diretrizes padronizadas, pesando muito a posição do poder local.

Em relação aos benefícios do contato com a natureza, as posições foram mais consistentes. Vários estudos mostraram as possíveis consequências físicas e mentais de isolamentos prolongados. Destaca-se, nesse sentido, o papel que a imprensa teve na divulgação dessas informações ao público geral, alertando sobre possíveis

problemas e sintomas e orientando sobre os encaminhamentos necessários. O impacto positivo da frequência a parques já vem sendo estudado há algum tempo. Para citar apenas um estudo, temos como exemplo o relatório “*Healthy Parks Healthy People: the state of the evidence, de 2015*”².

Já entre os estudos realizados especificamente durante a pandemia, podemos destacar o artigo “Espaços verdes urbanos e saúde mental durante o confinamento causado pela COVID-19”³. Nesse trabalho, as autoras alertam para o fato de que as medidas de distanciamento social estão associadas a uma deterioração da saúde mental e do bem-estar da população e que **“a utilização e contato com espaços verdes urbanos (ex.: parques urbanos, jardins públicos e privados) e outros espaços naturais (ex.: praias, zonas ribeirinhas) poderão reduzir o estresse causado pelo confinamento e proporcionar oportunidades de relaxamento, promovendo a resiliência urbana”**. A percepção e a vivência desse benefício do contato com áreas verdes podem ser uma das explicações para a manutenção da frequência a parques urbanos, apesar dos riscos e das ações de restrição mencionadas anteriormente.

² Produzido para a agência governamental Parks Victoria (Austrália), por Mardie Townsend, Claire Henderson-Wilson, Elyse Warner e Lauren Weiss, da Escola de Saúde e Desenvolvimento Social da Deakin University.

³ Iva Tendais (Investigadora, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Portugal) e Ana Isabel Ribeiro (Investigadora, Instituto de Saúde Pública (EPIUnit), Docente, Departamento de Ciências da Saúde Pública e Forenses e Educação Médica, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto, Porto, Portugal). Finisterra, LV(115), 2020, pp. 183-188. ISSN: 0430-5027. doi: 10.18055/Finis20184. Centro de Estudos Geográficos.

5.2. A experiência vivida durante a pandemia

Mesmo considerando que o risco de uma visita a um parque pode ter representado uma escolha complexa, muitos optaram por frequentar esses espaços durante os períodos de distanciamento social. O relato dessas experiências a partir da avaliação de

alguns atributos dos parques nos dá uma oportunidade única de observar como foi a resposta da gestão desses equipamentos a uma situação tão peculiar quanto grave. Os atributos avaliados foram divididos em quatro dimensões, com perguntas sobre:

Dimensões ligadas especificamente às medidas relativas à pandemia

- 1) Manutenção usual da infraestrutura do parque;**
- 2) Informação sobre procedimentos;**
- 3) Implementação;**
- 4) Controle e atendimento.**

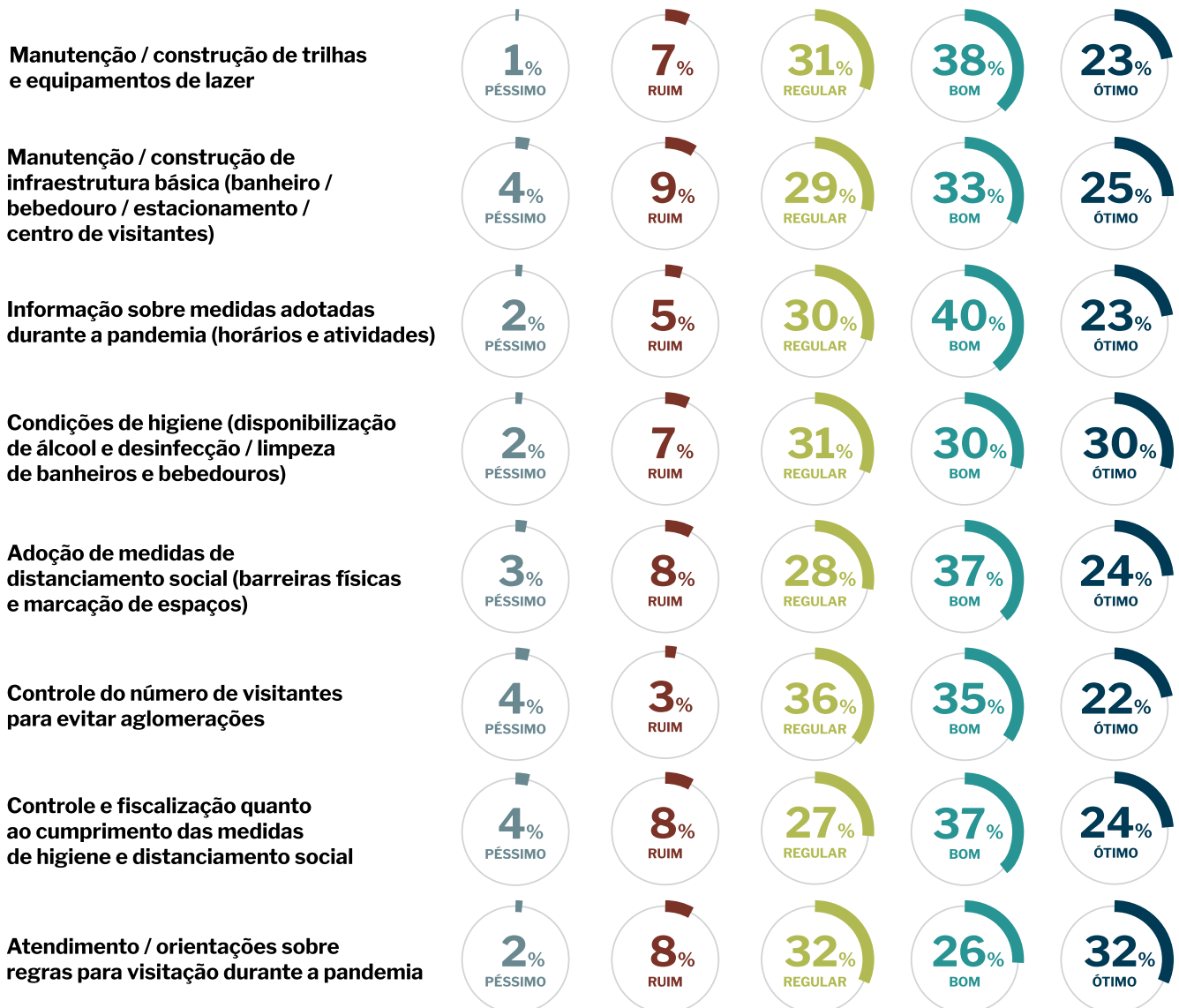


Foto: Carol Da Riva

5.2.1. Parques Naturais

Experiência na visitação a Parques Naturais durante a pandemia

(18% realizaram visitas nesse período)



Base: visitou Parques Naturais no último ano (272).

Fonte: Q40. Como foi esta experiência de visitação durante a pandemia? Avalie alguns itens relacionados à sua visitação ao(s) Parque Natural. (RU por item | EST)

Para aqueles que conseguiram visitar parques naturais durante a pandemia (18% da população), a experiência foi bastante positiva. Podemos observar que, para todos os quesitos, prevalece uma avaliação satisfatória sempre superior a 55% (ótimo + bom). Cerca de um terço das pessoas avaliaram os atributos como regular e apenas uma parcela entre 10% e 15% em média consideraram a

experiência insatisfatória (ruim + péssimo). Ou seja, apesar de todos os problemas advindos da pandemia, os parques conseguiram oferecer uma experiência predominantemente positiva aos usuários.

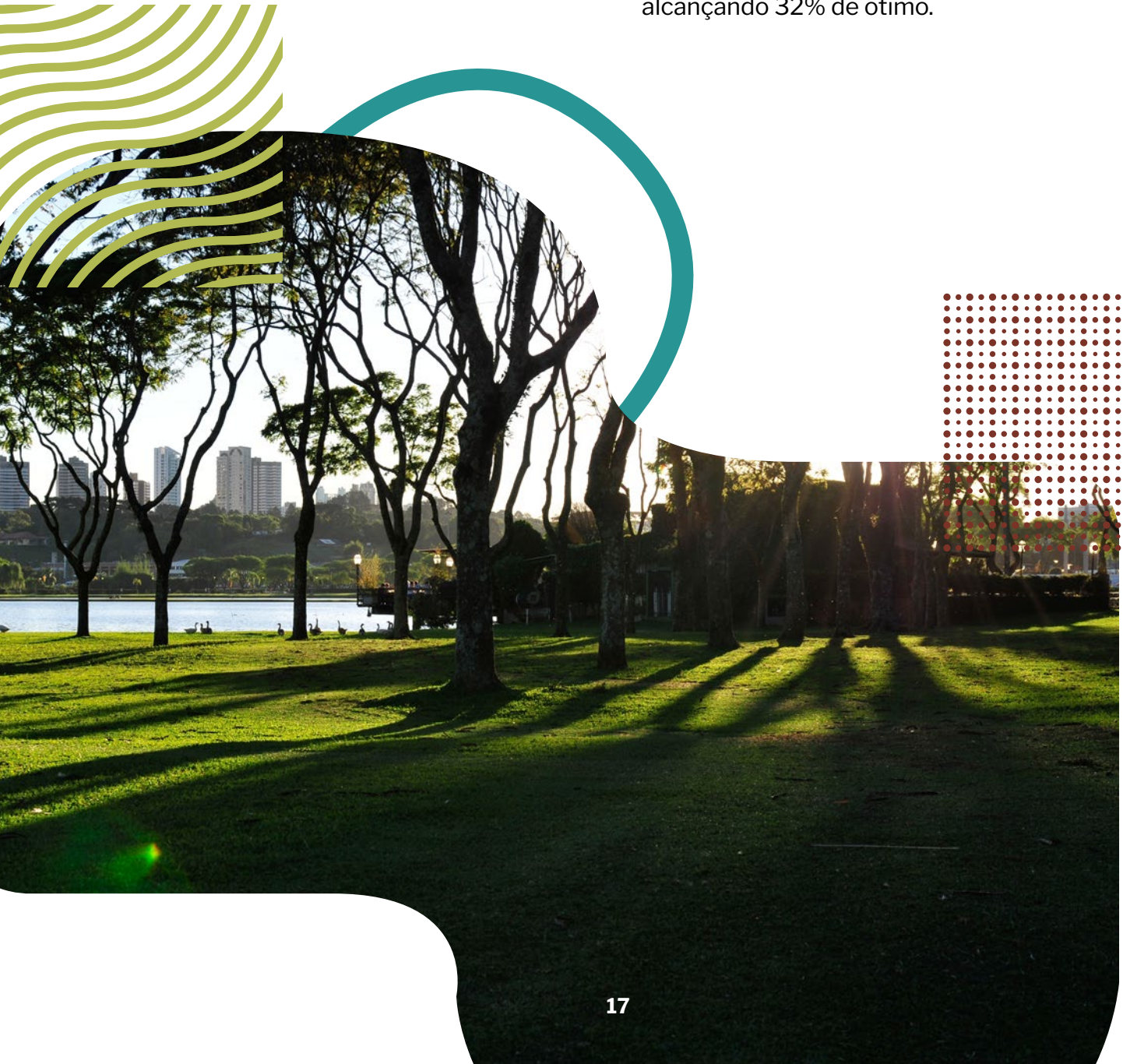
A manutenção básica dos parques, na percepção dos visitantes, estava em condições satisfatórias. A maioria declarou-se satisfeita (61% de ótimo e bom) com a

“manutenção e conservação de trilhas e equipamentos de lazer”. O mesmo ocorre com a **“manutenção e conservação da infraestrutura básica (banheiros, bebedouros, estacionamento e centro de visitantes)”**: 58% na soma de avaliações como ótimo e bom.

Nos aspectos ligados à gestão de providências e cuidados com a pandemia as avaliações também foram positivas. Informação sobre as medidas adotadas pelo parque foi o item com maior satisfação geral: 63% de ótimo e bom. Os aspectos ligados à implementação dessas medidas,

apesar de também receberem avaliações positivas, apresentam variações quando olhamos especificamente a atribuição de ótimo para os seguintes itens: condições de higiene (30%); adoção de medidas de distanciamento social (24%) e controle de número de visitantes (22%).

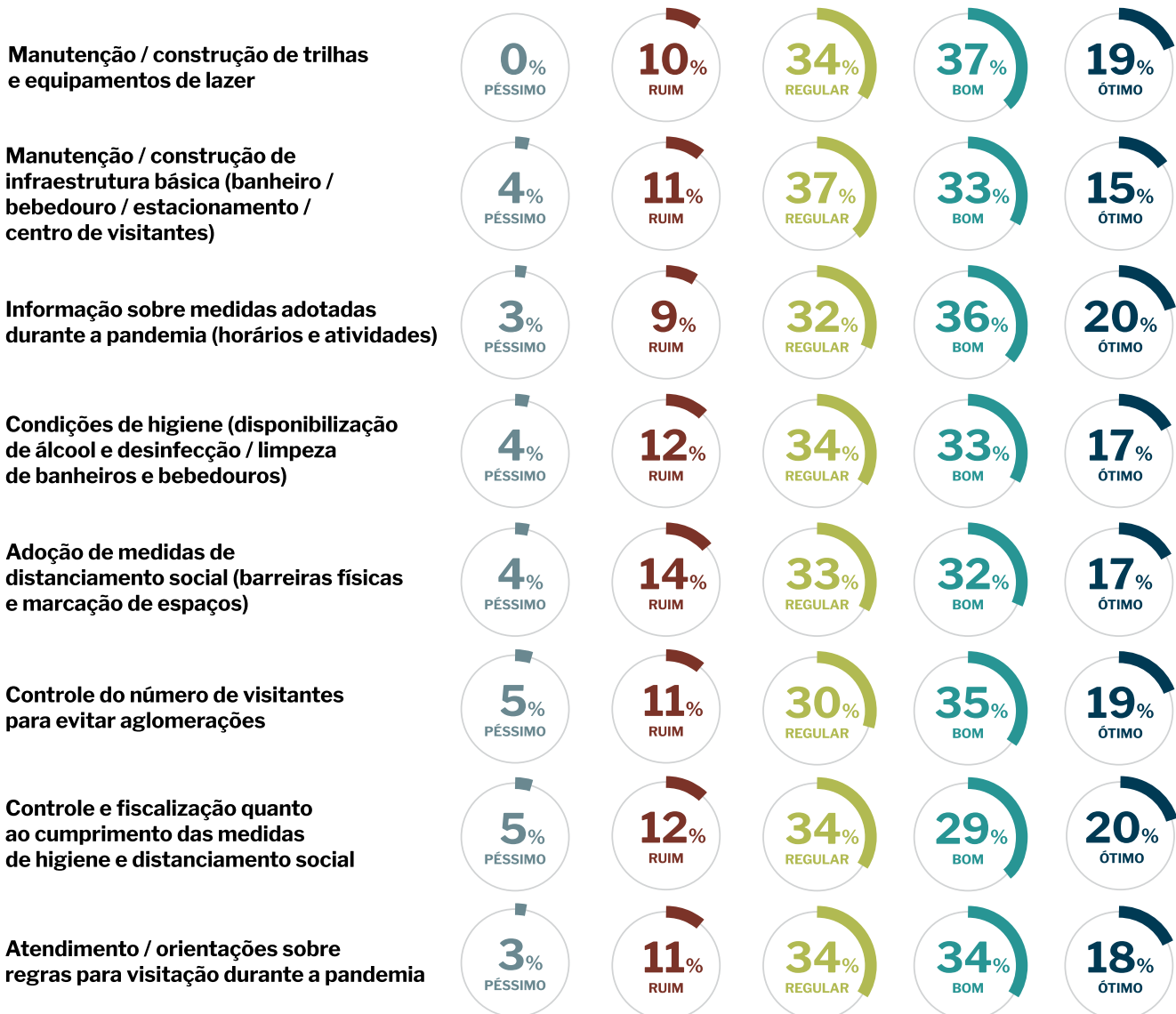
Os aspectos que exigem mais dos funcionários (como controle e fiscalização e atendimento) se destacaram em termos de avaliações positivas, principalmente quanto a orientação. Isso demonstra que houve um cuidado dos agentes que lidam com o público, tanto que “atendimento e orientação” foi o atributo com a maior declaração de satisfação máxima, alcançando 32% de ótimo.



5.2.2. Parques Urbanos

Experiência na visitação a Parques Urbanos durante a pandemia

(51% realizaram visitas nesse período)



Base: visitou parques urbanos no último ano (852).

Fonte: Q41. Como foi esta experiência de visitação durante a pandemia?

Avalie alguns itens relacionados à sua visitação ao(s) parque urbanos. (RU por item | EST)

A experiência com os parques urbanos (visitados por 51% da população) durante a pandemia também foi bastante satisfatória, estando em patamares bem próximos aos dos naturais. De forma geral, as atribuições de “ótimo” (média de 18%) são menos intensas no caso dos parques urbanos, mas também prevalece uma percepção positiva geral quando consideramos a soma de “ótimo” e “bom” (média de 52%).

Nos itens básicos de manutenção a avaliação foi positiva. Apenas uma pequena parcela entre 10% e 15% dos usuários declararam-se insatisfeitos, classificando esses itens como “péssimo” e “ruim”. A “manutenção e conservação de trilhas e equipamentos de lazer” foi avaliada positivamente por 56% (ótimo + bom) daqueles que visitaram parques urbanos. A parte de conservação

da infraestrutura básica (banheiro, bebedouro, estacionamento e centro de visitantes) também recebeu uma avaliação positiva, mas em um patamar menor: 48% (ótimo + bom).

Nos aspectos ligados diretamente a medidas sobre a pandemia, um paralelo positivo é que a questão de informação sobre os cuidados adotados pelos parques, assim como no caso dos parques naturais, foi um dos itens com maior satisfação entre os frequentadores dos parques urbanos (56% entre ótimo e bom). Por sua vez, os tópicos ligados à implementação de medidas e aqueles ligados a controle e atendimento obtiveram uma avaliação positiva média em torno de 50%.

É importante registrar que os parques urbanos lidaram com uma circunstância

bem distinta dos naturais: não houve diminuição significativa de público. Significa dizer que, além de suas atividades cotidianas, tiveram que incorporar toda a carga adicional de trabalho proveniente da adaptação das condições de uso durante a pandemia. Nesse sentido, torna-se mais relevante a satisfação registrada com “controle e fiscalização” (49%) e “atendimento e orientação” (52%), na medida em que essas atividades certamente implicaram uma carga adicional para os funcionários desses equipamentos em um cenário já repleto de dificuldades não apenas profissionais como também no âmbito pessoal.





Expectativas para o pós-pandemia

6.1. Propensão a mudanças de comportamento

Mudar nossas atitudes e a forma como fazemos as coisas é uma tarefa difícil. Nossa visão de mundo e a forma como efetivamente nos comportamos são fruto de intrincados processos psicológicos e sociais que nos constituem desde o momento que nascemos. De forma simplificada, vamos considerar duas formas comuns de mudanças de atitude e comportamento: mudanças entre gerações e intragerações. A primeira pode ser bem ilustrada pela frase: “no tempo dos meus avós era diferente” ou mesmo “no tempo dos meus pais ...”. Eram mudanças lentas, ocorriam de forma que a geração anterior não conseguia se adaptar e incorporar certas mudanças que eram adotadas pela geração mais jovem.

Uma outra forma de mudança, as intragerações, costumam ocorrer por fatos que bruscamente modificam nossa forma de interpretar e agir no mundo. São rupturas às quais todos têm que se adaptar em um curto período. Um exemplo foi o atentado de 11 de setembro de 2001. Esse episódio mudou

a forma como os americanos percebiam questões de segurança, vulnerabilidade e cidadania. Da noite para o dia, regras, leis e comportamentos foram alterados e incorporados ao cotidiano. Outra mudança drástica nessa mesma linha foi o fim da hiperinflação no Brasil no final do século passado. Todos tivemos que nos adaptar a um novo modelo mental a partir de 1994. As noções de valor, planejamento e nossa visão de futuro mudou em questão de meses.

Hoje, certamente, vivemos um momento de ruptura. Isso leva as pessoas a pensarem sobre suas atitudes, sobre a forma como vivem, sobre o que valorizam, o que comem, como distribuem seu tempo. Esse choque é também um momento de oportunidade de mudança, tanto individual quanto social.

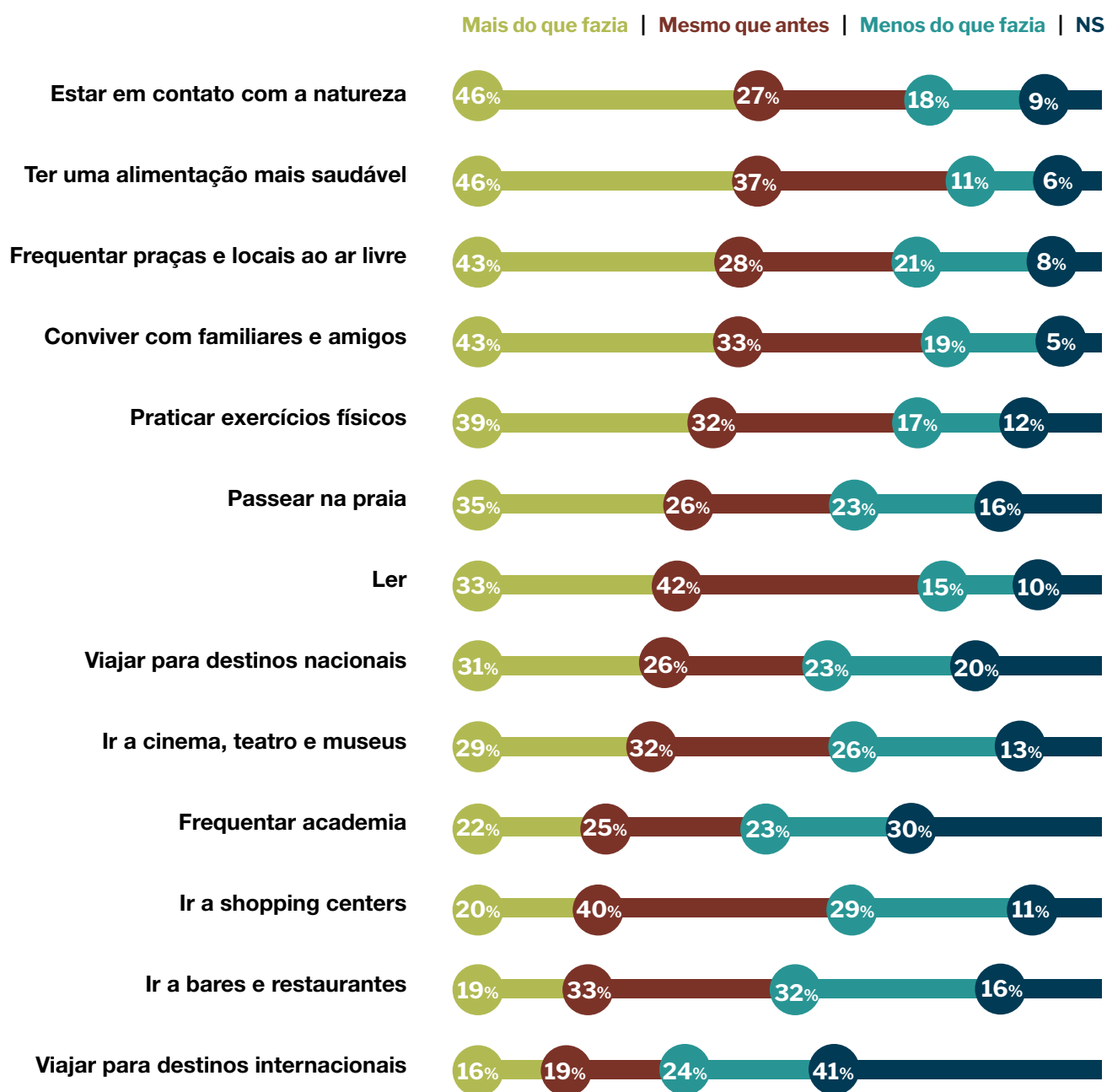
Como já foi colocado, mudanças são difíceis de operacionalizar, seja pelo nosso modelo mental que está tentando reorganizar simbolicamente o evento de ruptura, seja por questões objetivas.

Mas, certamente, o primeiro passo é uma declaração/manifestação de interesse. Essa manifestação indica uma propensão, um primeiro reconhecimento de como as pessoas, dado o contexto, acreditam que será sua melhor forma de agir no novo mundo.

Investigamos a propensão de mudança de comportamentos da população em algumas áreas que estão ligadas diretamente à relação

das pessoas com natureza, preservação do verde e, mais especificamente, parques. Há entre essas dimensões algumas mais fáceis de operacionalizar do que outras, mas o que temos é um quadro geral de para onde a sociedade como um todo pode se movimentar. Representa um possível deslocamento de valores e comportamentos que poderá resultar da situação que estamos passando atualmente.

Intenção de mudança de comportamento no pós-pandemia



Base: total da amostra (1.541).

Fonte: Q39. Indique se, após a pandemia, pretende praticar mais a atividade, manter a prática que já realizava ou aumentar sua atividade nesse item. (RU por item | EST)

Inicialmente, expusemos aos entrevistados uma lista com uma série de itens. São atividades cotidianas, impactadas pela pandemia e que, de certa forma, refletem estilos de vida. Para cada uma, a pessoa precisava declarar se, após a pandemia, pretendia realizar a atividade em maior frequência do que fazia antes, manter a mesma frequência que antes ou praticar menos do que fazia.

Os destaques estão em quatro atividades que os brasileiros pretendem realizar mais do que faziam antes da pandemia, todas com mais de 40% de menções: “estar em contato com a natureza” (46%), “ter uma alimentação mais saudável” (46%),

“frequentar praças e locais ao ar livre” (43%) e “conviver com familiares e amigos” (43%).

Além desses destaques, a estrutura das decisões das pessoas é bastante reveladora. Em primeiro lugar, é importante observar que há um número significativo que pretende diminuir a prática de certas atividades e um grupo que não consegue saber ainda o que intenciona fazer em relação a vários itens.

Para clarificar essa estrutura de decisões, analisamos a diferença entre as porcentagens de quem, no pós-pandemia, pretende intensificar certas práticas e daqueles que pensam em diminuí-las. Chegamos, assim, a três grupos:

ATIVIDADE	VAI PRATICAR MAIS DO QUE FAZIA	VAI PRATICAR MENOS DO QUE FAZIA	DIFERENÇA
-----------	--------------------------------	---------------------------------	-----------

1º Grupo: Oito atividades em que há um número maior de pessoas que pretende praticá-las mais do que diminuir a frequência

Ter uma alimentação saudável	46%	11%	+35
Estar em contato com a natureza	46%	18%	+28
Conviver com familiares e amigos	43%	19%	+24
Frequentar praças e locais ao ar livre	43%	21%	+22
Praticar exercícios físicos	39%	17%	+22
Ler	33%	15%	+18
Passear na praia	35%	23%	+12
Viajar para destinos nacionais	31%	23%	+8

2º Grupo: Duas atividades em que temos um empate técnico

Ir a cinema, teatro e museus	29%	26%	+3
Frequentar academia	22%	23%	-1

3º Grupo: Três atividades em que há um percentual maior de pessoas que pretendem diminuir a prática desses itens do que aquelas que querem intensificá-las

Ir a shopping centers	21%	29%	-8
Viajar para destinos internacionais	16%	24%	-8
Ir a bares e restaurantes	19%	32%	-13

O que esse *ranking* nos mostra, e que pode ser um importante aprendizado, é que a pandemia intensificou a valorização de atividades ao ar livre ligadas ao contato com

a natureza e a preocupação com a saúde. Na outra ponta, vemos que as opções de lazer em lugares fechados figuram entre as práticas que as pessoas intencionalmente diminuíram.

6.1.1. Parques Naturais

A população estudada declara uma forte propensão a frequentar mais parques naturais quando a pandemia terminar.

Entre aqueles que já visitaram esse tipo de parque, **57% pretendem frequentá-los**

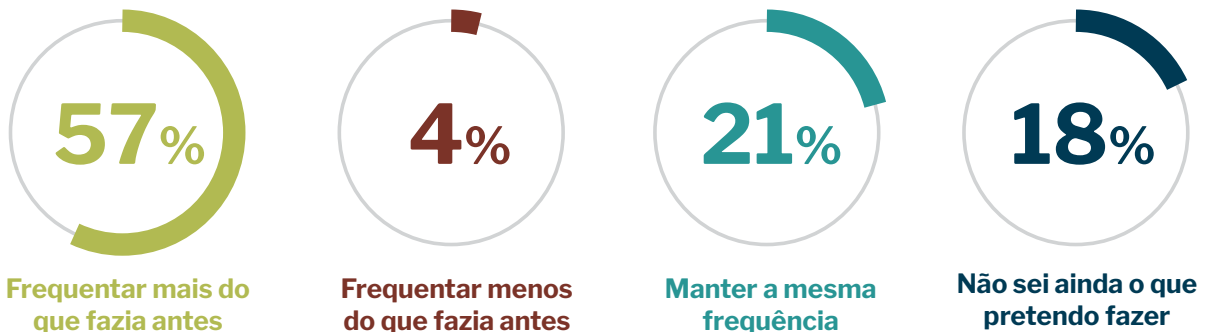
mais do que faziam antes da pandemia.

Entre os que nunca tiveram essa experiência, 65% dizem que tentarão visitar um parque natural. Mas esses dois grupos apresentam importantes particularidades a serem consideradas.

Propensão a mudança de comportamento em relação a frequência a Parques Naturais

Já visitou esse tipo de parque (66%)

Com relação aos Parques Naturais, quando a pandemia terminar, você diria que pretende:



Base: já visitou Parques Naturais (1.018).

Fonte: Q18a. Com relação aos Parques Naturais, quando a pandemia terminar, você diria que pretende. (RU | EST)

Nunca visitou um Parque Natural (34%)

Com relação aos Parques Naturais, quando a pandemia terminar, você diria que:



Base: nunca visitou Parques Naturais (523).

Fonte: Q19-11. Com relação aos Parques Naturais, quando a pandemia terminar, você diria que pretende. (RU | EST)

No grupo que já visitou parques (66% da população), apenas 4% declaram que pretendem diminuir sua frequência, 21% vão manter a intensidade de visitas que já realizava e um grupo de 18% ainda não sabe qual será sua atitude. Ou seja, o período da pandemia gerou, majoritariamente, uma predisposição positiva em relação aos parques naturais. Se considerarmos que a visita nesse período gerou satisfação naqueles que puderam visitá-los, podemos considerar que essa propensão é bastante consistente e, em grande parte, baseada em experiências.

No caso do grupo que nunca teve a experiência de visitar um parque natural (34% da população) o desejo de conhecer constrói-se em cima de uma imagem do que essa experiência poderia lhe dar. Como vimos, há um espírito geral de mudança em direção a atividades ao ar livre, maior ligação com a natureza e preocupação com saúde que, possivelmente, impacta esse desejo de conhecer esses equipamentos.

Nos dois casos, no trade off entre barreiras e motivações, as motivações ganharam vários aliados a partir das reflexões e consequências provocadas pela pandemia e pelas medidas de distanciamento social.



Razões para a mudança ou manutenção de frequência a Parques Naturais entre quem já visitou esse tipo de parque

	Frequentar mais do que fazia antes	Manter a mesma frequência de antes da pandemia	Frequentar menos do que fazia antes	Não sei ainda o que pretendo fazer
	%	%	%	%
Gosto da natureza	40	11		
Aproveitar mais a vida ao ar livre	16	1		
Porque eu gosto de frequentar/é uma opção de lazer	9	7		
Aproveitar mais a vida com qualidade	7	2		
Porque é saudável/faz bem para saúde	7	1		
Por questões financeiras/valor		12	2	15
Não tenho tempo disponível		9	15	3
Devido ao trabalho		8		1
Não são interessantes para mim/não pretendo ir		7	9	9
É suficiente/boa a frequência		7		
Por razões de segurança		4	23	1
Por conta do COVID-19/pandemia		2	17	4
Não tenho planos para depois da pandemia				17
Não sei / Não planejo mais nada	1	5	1	34

Base: já visitou Parques Naturais (1.018).

Fonte: Q18b. Por que você irá (RESPOSTA DA Q18a)? Por favor, detalhe as razões que o fazem pensar dessa forma hoje. (RM | Aberta ESP)

Já visitaram parques naturais

Nesse grupo, aqueles que pretendem **frequentar mais parques naturais** do que faziam antes justificam essa intenção fazendo um mix dos principais benefícios desse tipo de atividade: principalmente o gosto pela natureza (40%) e aproveitar mais a vida ao ar livre (16%).

Aqueles que pretendem apenas **manter a frequência** que já praticavam antes da pandemia diversificam mais as suas justificativas (algumas pouco mencionadas). Podemos observar que nesse grupo há um contraponto entre benefícios (“gosto da natureza”, 11%; e “é uma boa opção de lazer”, 7%) e custos em mudar a frequência (por “questões financeiras”, 12%; e “tempo”, 9%).

O grupo que **pretende frequentar menos** do que fazia antes representa um contingente pequeno: 4% do total que já visitou algum parque natural, mas suas respostas retratam muito a insegurança que mencionamos no primeiro capítulo. Os principais pontos mencionados (segurança, 23%; COVID-19, 17%; e tempo, 15%) sintetizam-se no último: não planejo mais nada: 25%.

O quarto grupo, aqueles que **não sabem o que pretendem fazer**, é por si só o retrato da atual situação de insegurança e dúvidas: vislumbra dificuldades financeiras (15%), não tem planos para depois da pandemia (17%) e, de forma geral, não planeja mais nada (34%).

Razões para a mudança ou manutenção de frequência a Parques Naturais entre quem nunca visitou esse tipo de parque*

	Vai tentar visitar	Provavelmente vai continuar sem visitar
	%	%
Gosto da natureza	35	5
Para fazer atividade com minha família/amigos	14	3
Aproveitar mais a vida ao ar livre	11	1
Passeios/Caminhada	9	10
Para compensar o tempo que estivemos em casa	7	
Devido a beleza dos parques	7	2
Aproveitar mais a vida com qualidade	7	
Prática de esportes/exercícios físicos	7	1
Porque é saudável/faz bem para saúde	3	18
Porque eu gosto de frequentar/é uma opção de lazer	3	15
É suficiente/boa a frequência		15
Não são interessantes para mim/não pretendo ir		8

* Frequentar menos e não sabe não tem bases suficientes para leitura

Base: nunca visitou Parques Naturais (523).

Fonte: Q19-12. Por que você irá (RESPOSTA DA Q19-11)? Por favor, detalhe as razões que o fazem pensar dessa forma hoje. (RM | Aberta ESP)

Nunca visitaram

No grupo das pessoas que nunca visitaram um parque natural (um total de 34% da população), por questão de bases, dentro desse total, analisamos apenas os grupos que declaram que tentarão visitar esse tipo de equipamento (65%) e os que provavelmente continuarão sem visitar (29%). É preciso esclarecer que a posição desse último grupo não representa uma recusa peremptória a uma mudança. Havia essa opção no questionário e apenas 1% se posicionou dessa forma.

O grupo que disse que **vai tentar visitar** um parque desse tipo destaca uma afinidade com os atrativos e benefícios já presentes nesses equipamentos: gosto da natureza (35%), atividade com família e amigos (14%) e aproveitar a vida ao ar livre (11%). Uma

hipótese para ainda não os ter visitado talvez seja a impossibilidade (por tempo ou recursos) de operacionalizar essas afinidades. Nesse grupo, chama a atenção a declaração de compensar o tempo que estive em casa (7%), o que pode vir a ser um importante “empurrão” para motivar uma primeira visita.

Entre aqueles que **provavelmente continuarão sem visitar**, há menções aos benefícios mais genéricos e difusos dos parques, não necessariamente os naturais: caminhar (10%), faz bem à saúde (18%) e boa opção de lazer (15%). Nesse grupo, podemos considerar como uma intenção mais contundente de não mudar sua rotina: manter a frequência (ou seja, nenhuma) 15% e não ter interesse por esse tipo de atração (8%).

6.1.2. Parques Urbanos

O impacto da pandemia na intenção de frequência a parques urbanos é bastante intenso.

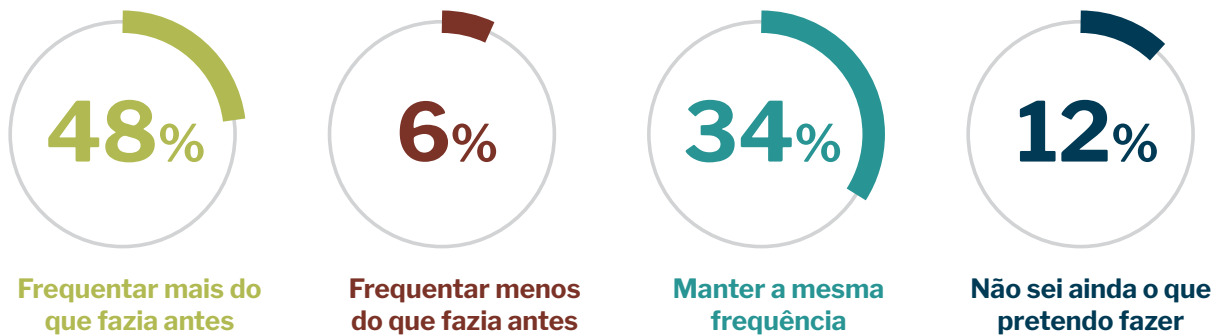
A maioria dos frequentadores de parques urbanos, cuja frequência, como vimos, não se alterou durante a pandemia, declara uma grande intenção de mudança em seu comportamento: 48% pretendendo

frequentar mais e apenas 7% considerando diminuir a frequência de suas visitas quando a pandemia terminar. Entre os que nunca visitaram um parque urbano (um grupo de 15% da população), prevalece a incerteza e a dúvida sobre como agirão em relação a essa questão: 59% não sabem ainda o que pretendem fazer.

Propensão a mudança de comportamento em relação a frequência a Parques Urbanos

Já visitou esse tipo de parque (85%)

Com relação aos Parques Urbanos, quando a pandemia terminar, você diria que pretende:



Base: já visitou Parques Urbanos (1305).

Fonte: Q23b. Com relação aos Parques Urbanos, quando a pandemia terminar, você diria que pretende. (RU | EST)

Nunca visitou (15%)

Com relação aos Parques Urbanos, quando a pandemia terminar, você diria que:



Base: nunca visitou Parques Urbanos (236).

Fonte: Q25a. Com relação aos Parques Urbanos, quando a pandemia terminar, você diria que pretende. (RU | EST)

Razões para a mudança ou manutenção de frequência a Parques Urbanos entre quem já visitou esse tipo de parque

	Frequentar mais do que fazia antes	Manter a mesma frequência de antes da pandemia	Frequentar menos do que fazia antes	Não sei ainda o que pretendo fazer
	%	%	%	%
Gosto da natureza	23	5		
Porque eu gosto de frequentar/é uma opção de lazer	12	8		
Para aproveitar mais a vida ao ar livre	11	1		
Para compensar o tempo que estivemos em casa	11	1		
Passeios/Caminhada	10	5		
Prática de esportes/exercícios físicos	9	2		
Para fazer atividade com minha família/amigos	9	1		
Aproveitar o tempo disponível/perdido	5	9		
Por conta da COVID-19/pandemia		2	34	8
É suficiente/já tenho uma boa frequência		22	7	
Não tenho tempo disponível		12	14	12
Por razões de segurança		3	20	12
Por questões financeiras/valores gastos		1	6	11
Não tenho planos para depois da pandemia		3		12
Não sei / não planejo mais nada	1	1	8	28

Base: já visitou Parques Urbanos (1305).

Fonte: Q23c. Por que você irá (RESPOSTA DA Q23b)? Por favor, detalhe as razões que o fazem pensar dessa forma hoje. (RM | Aberta ESP)

Já visitaram parques urbanos

As pessoas que declaram que pretendem **frequentar mais parques** urbanos do que faziam antes da pandemia justificam essa decisão pela atitude positiva em relação à natureza (gosto da natureza, 23%; e aproveitar mais a vida ao ar livre, 11%) e pela relação já construída com os parques (gosto de frequentar, 12%), além de compensar o tempo que passaram em casa (11%).

A parcela do público que pretende **manter a mesma frequência** apresenta um leque de razões bastante diversificado. Destaca-se o reconhecimento de que a frequência atual já é considerada satisfatória (22%). Parte desse grupo da manutenção deve ficar em um dilema entre aumentar ou diminuir sua intensidade de visitas. Há razões que

justificam a intenção de manter a frequência como se fosse um ganho, ao invés de terem que diminuí-la: porque gosto de frequentar (8%). Há outras que justificam a manutenção como contraponto a não poder aumentá-la: não tenho tempo disponível (12%).

A intenção de **diminuição da frequência** de visitas concentra-se, basicamente, em três motivos: COVID-19 (34%), razões de segurança (20%) e falta de tempo (14%).

As pessoas que **não sabem como reagirão** após a pandemia espelham bem as questões de instabilidade e insegurança que mencionamos anteriormente: não consigo planejar mais nada (28%), não tenho planos para depois da pandemia (12%), não tenho tempo (12%), segurança (12%) e gastos (11%).

Razões para a mudança ou manutenção de frequência a Parques Urbanos entre quem nunca visitou esse tipo de parque

	Vai tentar visitar	Provavelmente vai continuar sem visitar
	%	%
Para aprender/conhecer mais sobre os parques	17	
É uma opção de lazer	15	
Para fazer atividade com minha família/amigos	10	
Por questões financeiras/valores gastos		12
Prefiro outros lugares		1
Não são interessantes para mim		6
Por causa da distância / longe de casa		1
Não sei/não planejo mais nada	13	52

Base: nunca visitou Parques Urbanos (236).

Fonte: Q25b. Por que você irá (RESPOSTA DA Q25a)? Por favor, detalhe as razões que o fazem pensar dessa forma hoje. (RM | Aberta ESP)

Nunca visitaram parques urbanos

As posições daqueles que nunca visitaram um parque urbano revelam as carências e desconhecimento das pessoas que ainda não tiveram essa oportunidade.

Aqueles que **manifestam interesse em conhecer** essas áreas mencionam como principal razão a intenção de aprender e conhecer (17%) mais sobre um parque desse tipo. Outra razão é a possibilidade de poder acessar uma opção de lazer (15%) que pode ser combinada com uma confraternização entre família e amigos (10%).

O grupo dos que nunca visitaram um parque urbano e **não sabem como se comportarão** após a pandemia representa o segmento mais afastado das temáticas ligadas a contato com natureza, saúde e à reflexão sobre seus benefícios. Suas justificativas para as dúvidas sobre o que pretendem fazer resumem-se basicamente a dois pontos: não planejo mais nada (52%) e limitações por questões financeiras (12%).



Considerações finais

Observamos, por meio desta pesquisa, que a pandemia impactou de sobremaneira o estado de espírito da população de forma geral, e, em particular, aspectos ligados à percepção e ao uso dos parques. Acreditamos que todos os desdobramentos

dessa pandemia têm potencial de mudar a relação das pessoas com os parques e outras áreas verdes. A seguir, apresentamos três aspectos para reflexão e possíveis ações dos agentes que lidam com esta temática:

7.1. Pandemia como um momento de reflexão e propensão à mudança

“Nada será como antes”. Para quantos eventos globais podemos usar essa frase para caracterizá-los? Quais os eventos que realmente impactaram o dia a dia de todas as pessoas no mundo, dentro de suas casas, praticamente ao mesmo tempo, na sua intimidade? A gripe espanhola há pouco mais de um século e, agora, a pandemia do coronavírus são alguns bons exemplos. Esses momentos fazem aflorar questionamentos tanto pessoais quanto sociais. Desses questionamentos tendem a surgir mudanças nas visões de mundo e em comportamentos.

Nesse momento, vimos que as questões ligadas a saúde, alimentação saudável,

contato com o verde e vida ao ar livre entraram mais intensamente na vida de muitas pessoas. A incorporação mais intensa desses aspectos aponta para a necessidade de ajudar essa parcela da população a encontrar caminhos para ressignificar e operacionalizar suas intenções.

O QUE PODE SER FEITO AGORA: produzir e divulgar informações que estimulem os questionamentos e a oportunidade de mudanças atitudinais e comportamentais pelas pessoas em função da pandemia. Uma parcela importante desses novos questionamentos diz respeito a aspectos que os parques podem endereçar, como a relação com a natureza e a vida ao

ar livre. Mas essa conexão entre essas necessidades e a possibilidade de os parques satisfazê-las precisa ser construída.

Há aqui uma oportunidade para valorização e reposicionamento do papel dos parques no cotidiano da população.

7.2. Parques como espaço de contato com a natureza

Direta ou indiretamente, os parques foram colocados em destaque no debate sobre as consequências e transformações ocasionadas pela pandemia, como privação no uso de espaços abertos e diminuição da sociabilidade, aspectos presentes na utilização desses equipamentos. Os parques também estão presentes nas possíveis soluções para recuperar e manter a saúde física e mental das pessoas no pós-pandemia por meio do contato com áreas verdes e da vida ao ar livre.

Os benefícios da frequência a parques têm sido explicitados na pandemia por meio de diversos estudos, mas será que estão claros para seus usuários? Essa conexão já está estabelecida e as decisões da população em relação aos parques já a considera ou é necessário conectar esses pontos para a população? Vimos que as pessoas que já frequentam os parques justificam sua intenção de frequentá-los ainda mais mencionando os benefícios que agora são evidenciados por diversas fontes.

O QUE PODE SER FEITO AGORA:

melhorar a divulgação dos parques, com ênfase sobre como e onde as pessoas podem encontrar informações. Incentivar, apoiar e divulgar estudos que analisem o ecossistema mais amplo onde os parques estão inseridos. Esse tipo de estudo pode ajudar a demonstrar como o alcance dos parques em áreas como ecoturismo, cultura local e saúde pública vai muito além de seus limites e pode trazer benefícios amplos para a população, os quais muitas vezes não são considerados. Comunicar de forma clara e didática a relação entre frequência a parques e seus benefícios. Essa comunicação poderia ter dois vetores: 1) divulgação nos próprios parques, importante, mas que tende a falar para “convertidos” (pessoas que já possuem essa atitude e tem certa disciplina para realizá-la) e 2) pessoas que hoje não os frequentam muito em função das barreiras e que, talvez, sejam os mais necessitados e os que poderiam ser mais beneficiados.

7.3. Como os parques podem se preparar para o pós-pandemia

Não é possível prever o quanto da intenção de aumento de frequência se concretizará ou não, mas, pelo que vimos, a tendência é de aumento. Dessa forma, esses equipamentos tendem a se tornar espaços privilegiados para se aprender e praticar esses novos valores ligados à saúde e ao contato com a natureza.

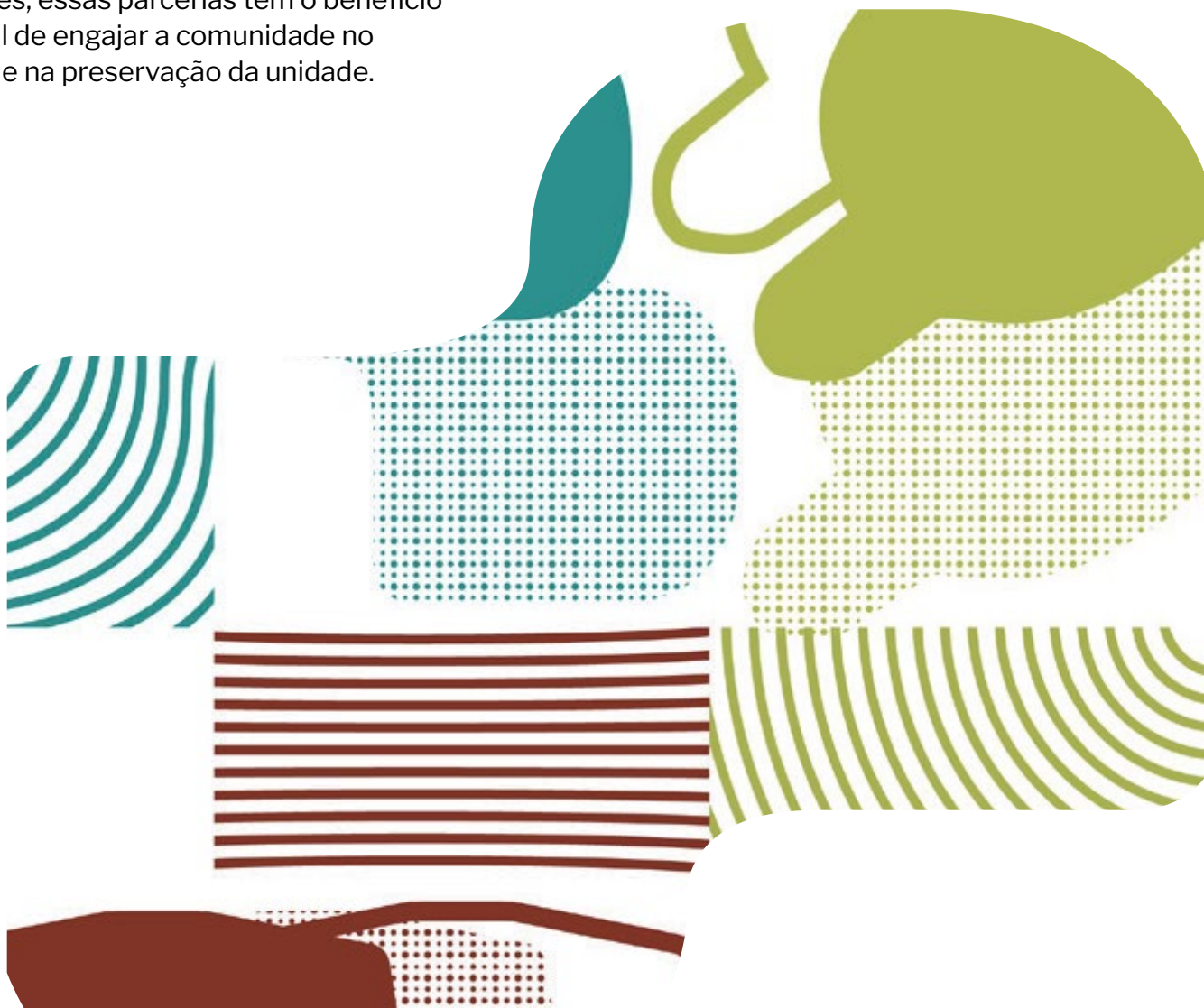
O QUE PODE SER FEITO AGORA:

preparar-se para a manutenção de cuidados sanitários especiais. Mesmo que não continuem com o mesmo rigor, alguns cuidados com higiene e isolamento social tendem a continuar. Compreender e preparar o parque como um espaço de encontro e coesão social. Sua infraestrutura

de serviços precisa oferecer o conforto adequado a seus visitantes e estar preparada para atender aos diversos interesses de seus públicos: contemplação, lazer, esportes, convívio entre outros. Outra dimensão importante onde os parques poderão contribuir e para a qual precisariam se preparar é sua função como hub de políticas públicas nas áreas de saúde, lazer e educação.

Esses pontos representam um leque grande de atividades e funções que os parques podem realizar e que talvez sejam chamados a desempenhar. Para dar conta de todas essas demandas, considerando que algumas delas nem sequer estão entre os principais objetos de atuação dos parques, talvez seja necessário recorrer a agentes públicos, parcerias privadas ou mesmo a organizações da sociedade civil. Além do efeito prático administrativo de encontrar apoio para o desenvolvimento de atividades, essas parcerias têm o benefício adicional de engajar a comunidade no cuidado e na preservação da unidade.

Outra ação que pode ser encaminhada rapidamente é a criação de cenários para um novo ordenamento que considere as possíveis novas demandas que detalhamos, buscando um equilíbrio entre a visitação e a conservação da biodiversidade.



**Parques e a Pandemia:
Comportamentos e Expectativas**

Instituto Semeia

Conteúdo

Havine Research

Consultor Responsável

Paulo Cidade

Design

Tati Valiengo e Tiago Solha Design Gráfico

Março | 2022



semeia.org.br

